A REVISTA DO COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL # 149 / ABRIL-JUNHO 2017

OLIMPO





GYŐR 2017

FESTIVAL OLÍMPICO DA JUVENTUDE EUROPEIA

Portugal participa com 53 atletas

JOGOS MUNDIAIS
MODALIDADES NÃO OLÍMPICAS COMPETEM EM WROCLAW

ENTREVISTA
DAVID JUSTINO

COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL

SAÚDE® PRIME

Saúde para todos



Tenha a saúde de um campeão!

TENHA SAÚDE PRIME.

No âmbito do projecto de responsabilidade social do Comité Olímpico de Portugal, a Saúde Prime garante Planos de Saúde a todos os atletas olímpicos.
A meta é promover a Saúde dos nossos atletas.

Para saber como usufruir desta oferta de saúde, contacte a linha de apoio: 707 308 283

NAIDE GOMES | Campeã do Mundo de Salto em Comprimento

Sumário

EDITORIAL
Todos estão convocados! 5

NOTÍCIAS 6

OPINIÃO
Rodrigo Cavaleiro 10
Comissário da PSP
escreve sobre segurança no Desporto

EM FOCO
Paulo Cunha 12
Diretor desportivo do COP

Gomes Pereira 14
Diretor de Medicina Desportiva do COP

Seleção de canoagem conquista
13 medalhas na Taça do Mundo 16

ENTREVISTA
David Justino 18
Presidente do Conselho Nacional de Educação

GRANDES EVENTOS
Festival Olímpico da Juventude Europeia 22

Jogos Mundiais 24

ELITE
Tomás Podstawski 26

NO PÓDIO
Ana Vital de Melo 27

CLUBE OLÍMPICO
Sport Club do Porto 28

CONVERSA DE BALNEÁRIO
José Sousa Uva 30
Treinador de Patrícia Mamona

OS MEUS JOGOS
João Costa 32
Atirador olímpico

FORA DE CAMPO
José Luís Peixoto 33

Capa
Hugoo, a mascote do Festival Olímpico da Juventude Europeia



David Justino
passou recentemente a fazer parte da Comissão de Cultura e Desporto do Comité Olímpico de Portugal pág. 18



Paulo Cunha
foi o nome escolhido para diretor desportivo do Comité Olímpico de Portugal pág. 12



Ana Vital Melo
é presidente da Federação Portuguesa de Kickboxing e Muaythai pág. 27



José Gomes Pereira
é diretor de Medicina Desportiva do Comité Olímpico de Portugal pág. 14



José Sousa Uva
numa *Conversa de Balneário*, um espaço para conhecer o lado menos divulgado dos protagonistas do desporto pág. 30



OLIMPO PROPRIEDADE E EDIÇÃO Comité Olímpico de Portugal
Travessa da Memória, 36 · 1300-403 Lisboa · Tel.: 21 361 72 60 · Fax: 21 363 69 67
correio@comiteolimpicoportugal.pr · www.comiteolimpicoportugal.pt

DIRETOR José Manuel Constantino DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO Cecília Carmo, António Varela e Pedro Moreira
FOTOS COP DESIGN E PRODUÇÃO GRÁFICA Estrelas de Papel / Atelier Gráficos à Lapa IMPRESSÃO Raínho & Neves, Lda.
TIRAGEM 1 000 exemplares PERIODICIDADE Trimestral NÚMERO DE REGISTO ERC 102 203
DEPÓSITO LEGAL 9083/95 DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

JOGOS SANTACASA

COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL

PARCEIRO OFICIAL
PROGRAMA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL | EDUCAÇÃO

Mais longe na formação, mais alto nas ambições, mais fortes para a vida.

Apostamos na formação académica dos nossos atletas.

Os Jogos Santa Casa orgulham-se de ser o Parceiro Oficial do Programa de Responsabilidade Social do Comité Olímpico de Portugal para a Educação. Através de um programa anual de concessão de bolsas de estudo aos atletas olímpicos nacionais, acreditamos que a sua formação académica e empenho escolar, aliados ao mérito e talento desportivos, serão fatores determinantes para o sucesso das suas carreiras profissionais futuras e para a realização dos seus sonhos!

Jogos Santa Casa e Comité Olímpico de Portugal: uma aposta no futuro.



www.jogossantacasa.pt

JOSÉ MANUEL CONSTANTINO
Presidente do Comité Olímpico de Portugal

Todos estão convocados!



A DOPAGEM, A MANIPULAÇÃO DE RESULTADOS E A VIOLÊNCIA são as três maiores ameaças à integridade do desporto.

Esta situação não é exclusiva desta ou daquela modalidade desportiva ou apenas pecado das que têm maior escrutínio público ou mediático.

Sem prejuízo de reconhecermos a prevalência destes fenómenos num grupo restrito de modalidades e da sua desigual distribuição pelo universo das modalidades desportivas o seu impacto prejudicial para o valor social do desporto atinge-o na sua plenitude.

Pelo que a responsabilidade de correção desta situação requer a vontade e a mobilização das entidades e agentes desportivos independentemente das modalidades a que se encontram associados. De todos

Um outro risco que enfrentamos é o de pensarmos que aquele tipo de fenómeno é ocasional ou que só merece atenção porque o espaço mediático os revela.

E é um risco porque existem indicadores, mais do que suficientes, para pensarmos que estamos perante problemas bem mais vastos e complexos que aquilo que ocasionalmente nos é revelado.

Razão pela qual não é possível responder a estes fenómenos com impulsos comunicacionais que procuram varrer os problemas da agenda mediática.

Os problemas existem. Um novo incidente, confrontar-nos-á com uma escalada na sua gravidade e expressará a ausência de medidas concretas e eficazes para atacar a sua raiz que se propaga nos mais diversos níveis de prática e protagonistas do fenómeno desportivo.

O Comité Olímpico de Portugal tem procurado sensibilizar os agentes públicos e associativos para a necessidade de encontrar respostas firmes e responsabilizantes ao mesmo tempo que tem apresentado propostas e orientações suscetíveis de melhorar a situação que o desporto nacional enfrenta.

Com esse objetivo e no capítulo da segurança no desporto aprovou recentemente um documento com um conjunto de orientações visando reduzir o risco de violência e acautelar a segurança no desporto.

> A dopagem, a manipulação de resultados e a violência são as três maiores ameaças à integridade do desporto

Igual metodologia de cooperação seguimos, no passado, em relação à manipulação de resultados nas competições desportivas, bem como em matéria de dopagem no desporto, nesta ultima chamando a atenção para a necessidade de alinhar a política nacional de combate à dopagem com as orientações da Agência Mundial Antidopagem (AMA).

O Comité Olímpico de Portugal continuará, como é sua obrigação e na sua esfera de competências, a encetar ações, a apresentar medidas e a partilhar experiências internacionais com vista a suprir as debilidades sistémicas que corroem o valor social do desporto, rumo a uma estratégia clara e decidida que ataque o núcleo dos problemas enunciados.

Este nosso trabalho pretende também ter um efeito mobilizador sobre entidades e agentes desportivos convocando-os á ação na defesa do valor social do desporto e no combate à erradicação de tudo quanto ponha em crise esse desígnio.



TIAGO VIEGAS PRESIDE À ACADEMIA OLÍMPICA DE PORTUGAL

Tiago Viegas tomou posse como presidente do Conselho Diretivo da Academia Olímpica de Portugal (AOP), acompanhado pelos vice-presidentes José Esteves e Gustavo Marcos, e pelos vogais Marta Lopes e Afonso Candeias. Os atletas olímpicos Susana Feitor e Tiago Venâncio integram a nova equipa diretiva da AOP como suplentes.
Naquela que foi a eleição mais disputada na história da AOP, a Lista B, encabeçada por Tiago Viegas, obteve 47 votos, contra 46 da Lista A, liderada por Teresa Rocha. Foram registados dois votos em branco.
Licenciado em de Educação Física, Tiago Viegas é membro da AOP desde 2004, com participação na Sessão para Jovens da Academia Olímpica Internacional de 2007.
No discurso de tomada de posse, Tiago Viegas manifestou empenho na colaboração com o COP e destacou o projeto da Plataforma de Apoio aos Refugiados como exemplo que demonstra a importância social do desporto, assente em valores como a solidariedade.



NOVOS CORPOS SOCIAIS DO COP ELEITOS PARA VALORIZAR SOCIALMENTE O DESPORTO

José Manuel Constantino foi reeleito presidente do Comité Olímpico de Portugal (COP) para os próximos quatro anos, tendo recebido o voto das 30 federações olímpicas participantes na eleição, num universo de 33. Foram contados 146 votos e o atual líder do COP, que encabeçou a única lista candidata, obteve 144. Foram registados um voto nulo e um voto em branco.
O Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, presidiu à cerimónia da tomada de posse dos órgãos sociais eleitos no Centro Cultural de Belém, perante mais de 200 convidados. Estiveram também presentes o presidente da Assembleia da República, Eduardo Ferro Rodrigues, o ministro da Educação, com o pelouro do Desporto, Tiago Brandão Rodrigues, bem como o secretário de Estado da Juventude e do Desporto, João Paulo Rebelo. Edite Estrela, presidente da Comissão de Cultura, Comunicação, Juventude e Desporto da Assembleia da República, também marcou presença.

"Valorizar Socialmente o Desporto – o Futuro que nos une" é o lema dos atuais órgãos sociais do COP.

COMISSÃO EXECUTIVA APROVA NOVA ESTRUTURA ORGÂNICA

A Comissão Executiva do Comité Olímpico de Portugal (COP) aprovou a nova Estrutura Orgânica e Funcional do Comité Olímpico de Portugal.
Todas as unidades orgânicas foram equiparados a departamentos, com exceção do Gabinete de Apoio à Presidência e Relações Internacionais, tendo sido introduzidas novas unidades orgânicas na dependência do agora designado Departamento de Missões e Preparação Olímpica (ex-Departamento de Alto Rendimento e Representação Desportiva). As novas unidades orgânicas criadas são a Direção Desportiva e a Direção de Medicina Desportiva.

PREPARAÇÃO PARA PEYONGCHANG 2018 EM MARCHA

O contrato programa de preparação para os Jogos Olímpicos de Inverno PeyongChang 2018 foi publicado em Diário da República, depois da assinatura dos presidentes do Instituto Português do Desporto e Juventude, Augusto Baganha, e do Comité Olímpico de Portugal, José Manuel Constantino.
O documento prevê o apoio aos praticantes desportivos que se preparem para poderem vir a constituir a delegação portuguesa participante nos Jogos Olímpicos, na Coreia do Sul, no próximo ano.



MAIS DE 10.000 PARTICIPANTES A COMEMORAR O DIA OLÍMPICO

Tem sido grande a adesão de alunos das escolas portuguesas às comemorações do Dia Olímpico organizadas em parceria com o COP. Desde 23 de abril, foram mais de dez mil os participantes envolvidos nas atividades, que tiveram como palco Lisboa, Figueira da Foz, Porto, Almada, Póvoa de Varzim, Amadora, Fátima, Ponte de Sôr, Mafra, Montijo, Grândola, Funchal, Viseu e Coimbra, terminando no dia 28 de junho em Braga. Associaram-se às comemorações os atletas olímpicos Pedro Dias, Susana Feitor, Filipa Martins, Débora Nogueira, Edivaldo Monteiro, Joana Pratas, Nuno Delgado, Rita Gonçalves, Jéssica Augusto, Ricardo Pedroso, Joaquim Videira, Luís Monteiro, João Neto, Nuno Barreto, Afonso Domingos, João Pina e Beatriz Gomes.

JOÃO RODRIGUES É O NOVO PRESIDENTE DA COMISSÃO DE ATLETAS OLÍMPICOS

João Rodrigues tomou posse como novo presidente da Comissão de Atletas Olímpicos (CAO), sucedendo a João Neto. O velejador olímpico, participante em sete edições dos Jogos, tem como vice-presidente Susana Feitor (atletismo). O secretário-geral é João Silva (triatlo). "Vamos trabalhar para que todos os atletas tenham condições de se prepararem o melhor possível para os Jogos Olímpicos", prometeu João Rodrigues. "Agradeço a confiança que os meus colegas da Comissão depositaram em mim. Qualquer um teria capacidade para ser presidente." Fazem igualmente parte da Comissão Diretiva que dirigirá a CAO até 2021 os vogais David Rosa (ciclismo), Emanuel Silva (canoagem), Jéssica Augusto (atletismo), Joana Pratas (vela), Rui Bragança (taekwondo) e Telma Santos (badminton).



CONVENÇÃO INTERNACIONAL DISCUTE SEGURANÇA NO DESPORTO

O Comité Olímpico de Portugal (COP) organizou, em Lisboa, a Convenção Internacional de Segurança no Desporto, na sequência da divulgação do Documento de Orientação sobre Violência, Segurança e Prevenção de Risco no Desporto. Foram oradores Ana Contreras, subdiretora adjunta do Regime Jurídico Desportivo no Conselho Superior do Desporto, em Espanha; Cathy Long, especialista em comportamento de adeptos em contextos desportivos e antiga chefe de serviços de adeptos na Premier League, em Inglaterra; Christopher Sanchez, diretor do Grupo de Desporto e Entretenimento da PricewaterhouseCoopers; Fred Lord, diretor de operações Anti-Corrupção e Transparência – Unidade de Investigações Especiais, do ICSS; Marie-Françoise Glatz, que participou na redação da nova Convenção do Conselho da Europa sobre uma Abordagem Integrada de Segurança, Proteção e Serviços por ocasião de jogos de Futebol e outras Manifestações Desportivas; e Rodrigo Cavaleiro, comissário na Polícia de Segurança Pública e coordenador do Ponto Nacional sobre Informações de Futebol junto das instituições europeias. Na conclusão dos trabalhos, o COP apelou à mobilização de todos os parceiros interessados em implementar um pacote de medidas para suster esta ameaça crescente, como sejam, entre outras, a ratificação da Convenção do Conselho da Europa.

COP PRESENTE NO 38.º SEMINÁRIO DOS COMITÉS OLÍMPICOS EUROPEUS

O diretor-geral do COP, João Paulo Almeida, e a gestora de projetos, Joana Gonçalves, participaram no 38.º Seminário dos Comités Olímpicos Europeus, que decorreu nos dias 19 e 20 de maio, em Skopje, Macedónia. Na agenda estiveram as organizações do Festival Olímpico da Juventude Europeia de Verão, os Jogos dos Pequenos Estados da Europa e os Jogos Europeus, bem como a evolução das funcionalidades da plataforma de comunicação digital do Movimento Olímpico, através do Olympic Channel. O evento dirigido pelo secretário-geral do COE, Raffaele Pagnozzi, abordou em detalhe todas as vertentes do novo Plano Quadrienal da Solidariedade Olímpica para o período 2017-2020. Foi ainda anunciado o vencedor do prémio Piotr Nurowski para o melhor jovem atleta europeu de desportos de Inverno de 2017, atribuído à esquiadora estoniana Kelly Sildaru. Em análise esteve também um conjunto de orientações de gestão financeira, transparência, boa governação e gestão no controlo de fundos de financiamentos, tendo os comités olímpicos nacionais ficado a par das atividades da Agência Mundial Antidopagem e da nova abordagem do programa MEMOS.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DESTACA PAPEL INCLUSIVO DO DESPORTO

A Conferência Internacional Desporto, Desenvolvimento e Paz decorreu a dia 6 de abril, na sede do Comité Olímpico de Portugal (COP). O dinamarquês Michael Pedersen, fundador da "M-INC.> Change the Game", falou sobre a experiência que tem desenvolvido em projetos na África do Sul e no Perú, tendo considerado que o desporto é uma ferramenta essencial para a inclusão. Pedersen trabalha na área da boa governação, transparência, ética, integridade e capacitação.
Pelo painel de oradores passaram igualmente três jovens refugiados em Portugal, que deram testemunho da sua integração na sociedade portuguesa, através da prática desportiva, constituindo esta um alicerce para o seu desenvolvimento profissional e pessoal.
Aproveitando a comemoração do Dia Internacional do Desporto para o Desenvolvimento e Paz, o presidente do COP, José Manuel Constantino, entregou o Troféu do Comité Olímpico Internacional "Sport Beyond Borders" ao Conselho Português para os Refugiados, na pessoa da sua presidente e fundadora Maria Teresa Tito de Morais Mendes.
No final da sessão foi inaugurada a exposição "Sem Muros", da autoria da fotógrafa Clara Azevedo.





MAIS MULHERES NAS COMISSÕES DO COI

O número de mulheres com assento nas Comissões do Comité Olímpico Internacional (COI) aumentou cerca de 70% desde 2013. Thomas Bach, presidente do organismo mostrou-se muito satisfeito com esta mudança, sendo que 38% dos lugares são agora ocupados por mulheres, o que representa um recorde histórico. Atualmente há mulheres com cargos em 26 Comissões do COI.
Para Thomas Bach, "a diversidade de membros garante discussões mais interessantes e mais abertas e reflete igualmente o envolvimento do Movimento Olímpico no apoio à universalidade." A nova composição das Comissões do COI e dos Comités Organizadores dos Jogos Olímpicos fica também marcada pela entrada de uma nova geração de homens e mulheres, que serão os dirigentes desportivos no futuro. Desde 2010 que cada edição dos Jogos Olímpicos da Juventude acolhe um grupo de jovens embaixadores. Sete destes jovens, dos quais 6 são mulheres, fazem agora parte das Comissões.

PROGRAMA DE SOLIDARIEDADE OLÍMPICA APRESENTADO

O Comité Olímpico de Portugal apresentou às federações olímpicas o programa quadrienal de Solidariedade Olímpica, que diz respeito aos apoios disponibilizados pelo Comité Olímpico Internacional aos comités olímpicos nacionais e às federações desportivas, contemplando os projetos diretamente ligados a atletas, equipas e treinadores, bem como outros como a promoção dos valores olímpicos e a sustentabilidade.

PORTUGAL DESTACA-SE A EMPREGAR

Portugal é o terceiro país entre os 28 estados membro da União Europeia com maior taxa anual média de crescimento - fixada em 13% - de emprego no desporto, possibilitando assim ultrapassar em 2015 a média europeia (2,2%), apesar de uma incidência reduzida no sector feminino.
O desporto português empregou 38 mil e 900 profissionais em 2015, contra 32 mil e 200 em 2014.
Os países que registaram maior crescimento foram a Hungria (15%) e a Eslováquia (13,7%).
De acordo com a última atualização do Eurostat, o sector do desporto empregou mais de 1,6 milhões de pessoas na UE, confirmando a tendência expansionista face a 2011, em 24 dos 28 Estados Membros.
A próxima atualização dos dados está prevista para Janeiro de 2018.



ESCOLAS VISITAM A SEDE DO COP

A sede do COP foi visitada, durante o ano letivo 2016/17, por mais de 700 alunos de várias escolas de diferentes pontos do país. Integradas no Programa de Educação Olímpica, que já tem associados 73 estabelecimentos de ensino, estas visitas têm como objetivo abrir as portas do COP à comunidade, promover o Olimpismo junto das camadas mais jovens e dar a conhecer as principais peças do seu espólio. Os alunos têm assim a oportunidade de sentir o espírito Olímpico e melhorar os conhecimentos sobre os Jogos Olímpicos, os atletas, as medalhas, os símbolos, os valores, as mascotes e muitos outros temas relacionados com o Movimento Olímpico.
O Programa desenvolveu 149 atividades, num total de 967 horas, envolvendo 37807 participantes.
Para visitar a sede do COP, envie um e-mail para **edu.olimpica@comiteolimpicoportugal.pt** com a data e horas pretendidas, número de alunos, características do grupo (grau de ensino, âmbito da visita, etc.) e contacto do responsável.



BOLSAS SANTA CASA PARA ATLETAS UNIVERSITÁRIOS

As Bolsas de Educação Jogos Santa Casa relativas ao ano letivo 2016/2017 foram entregues a 27 atletas que frequentam cursos universitários.
No valor de 3000 euros cada, as bolsas destinam-se a apoiar os atletas que frequentam o ensino superior (1.º ciclo ou mestrado) e que já tenham participado nos Jogos Olímpicos, estejam integrados no Projeto Tóquio 2020 ou no Projeto de Esperanças Olímpicas.
As bolsas de Educação Jogos Santa Casa começaram a ser distribuídas no ano letivo 2013/2014, já garantiram apoio a mais de 80 atletas e são atribuídas mediante candidatura e o cumprimento de requisitos, como sejam o aproveitamento escolar e a continuidade nos estudos.
Este ano beneficiaram de bolsa atletas das seguintes modalidades: atletismo, canoagem, ginástica, judo, natação, taekwondo, triatlo e vela.

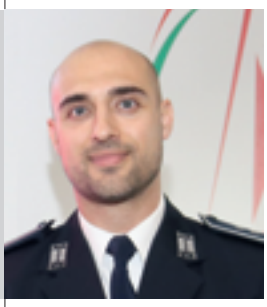
RIO 2016 DEIXOU LEGADO VALIOSO

O Comité Olímpico Internacional (COI) realçou no balanço feito acerca dos Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro a herança que a realização deixou à cidade e ao Brasil. Para o COI, os Jogos Olímpicos proporcionaram a divulgação de modalidades olímpicas vistas e partilhadas por uma vasta audiência, que superou todos os números até então garantidos, comparativamente com outras edições.
O legado para o desporto e para a juventude, os locais de competição, o novo planeamento de acessibilidades e urbanístico, o desenvolvimento económico e o correspondente desenvolvimento sociocultural foram fundamentais no sucesso da organização do evento e um contributo para o futuro, segundo ficou expresso no balanço feito pelo COI.
A preocupação posta pela organização nas questões ambientais foi também determinante para a nota positiva dada pelo COI à organização do Rio 2016.

COI REFORÇA LUTA CONTRA O DOPING

A Comissão Executiva do Comité Olímpico Internacional (COI) apresentou um plano que pretende garantir um sistema antidopagem mais sólido e independente, bem como uma maior proteção aos atletas. Com esta tomada de posição, o COI quer estreitar ainda mais as relações com a Agência Mundial Antidopagem (AMA) e os seus parceiros. No imediato, os objetivos passam por reforçar a ação da AMA, criar uma unidade de controlo independente e impor mais sanções a todos os agentes desportivos que não cumpram a lei.

É urgente desabilitar a cultura de hostilidade dos agentes desportivos*



RODRIGO CAVALEIRO
Comissário da Polícia de Segurança Pública e coordenador do Ponto Nacional sobre Informações de Futebol junto das instituições europeias

Poderá a nova Convenção do Conselho da Europa contribuir para a melhoria da segurança dos espetáculos desportivos em Portugal?

Das conclusões que retirámos do estudo, parece-nos evidente a falta de uma abordagem nacional integrada, pluridimensional, coordenada e multi-institucional, que recorra de forma equilibrada às diversas soluções que a experiência europeia nos disponibiliza.

Com todos os méritos que importa reconhecer, mas centrado numa perspetiva securitária, o atual regime jurídico do combate à violência, ao racismo, à xenofobia e à intolerância nos espetáculos desportivos não representa o diploma orientador de uma estratégia integradora das componentes *safety*, *security* e *service*.

Como proceder?

De acordo com a nova Convenção, deverá existir um grupo de coordenação que desenvolva uma estratégia de adaptação deste modelo à realidade nacional, recrutando contributos de diferentes *stakeholders* para uma abordagem multidisciplinar.

"Que desafios se colocam na adaptação do modelo português à nova Convenção?" Desde logo um se destaca: **a insuficiente aplicação da Lei**. A falta de um robusto "motor da engrenagem regulatória", como lhe chama o professor José Manuel Meirim, tem sido a pedra angular de um modelo nacional ineficiente e cuja inépcia se renova em sucessivos regimes jurídicos. Referimo-nos à incapacidade de o Estado impor o seu modelo e recrutar a vontade dos outros atores. A Administração, dotada dos recursos necessários, célere e consequente na ação, deverá ser o pêndulo que impulsiona as pedras deste dominó, num contínuo de energia que se difunde do topo até à base da pirâmide.

A aplicação da Lei, em especial a ação sancionatória - célere e eficaz - deve ser garantida pela ação dos Tribunais e dos agentes administrativos do Estado, contrariando a perceção de um "*offshore* ou paraíso judicial desportivo", como lhe chama a Dra. Maria José Morgado. Nesta linha, pretende-se uma autoridade administrativa:

i) Central, autónoma e especializada.
ii) Dotada de recursos adequados à produção de uma "inevitabilidade da ação sancionatória".

E quanto à cultura de hospitalidade, herança portuguesa para a nova Convenção? Parece um contrassenso se pensarmos na capacidade de acolhimento e tolerância que marcaram o Euro'2004, mas nas competições domésticas, as rivalidades clubísticas dão lugar a constantes trocas de palavras, acusações e insultos. O clima de tensão daí resultante estende-se às massas, incutindo nos GOA uma cultura belicista e territorial, ao serviço das "guerras" assumidas pelos dirigentes. É urgente desabilitar a cultura de hostilidade criada por agentes desportivos e amplificada pelos órgãos de Comunicação Social.

Políticas de inclusão e exclusão: o caso dos GOA

A nova Convenção e a Recomendação do Conselho da Europa sublinham a necessidade de uma política eficaz de exclusão dos adeptos violentos, a par de estratégias de inclusão e *empowerment* dos bons adeptos. A aplicação de *banning orders* em Portugal continua em níveis muito reduzidos. Muito há a fazer no sentido de incrementar a exclusão dos adeptos violentos. Todavia, esse trabalho não passa só pelas medidas de interdição.

Percebemos facilmente a importância do apoio dos clubes para o crescimento dos GOA. Alguns tornam-se atrativos pela sua dimensão e "músculo", pela influência que

garantem, mercado e volume de negócios (legais e ilegais), uma alargada base de recrutamento e capacidade de mobilização. Assiste-se a violentas disputas pela liderança de alguns, onde vigora a lei do mais forte.

O autor espanhol António Salas elenca os motivos que tornam as claques poderosos aliados dos clubes: *a)* apoio, através de intensa "guerra psicológica" nas bancadas e fora delas; *b)* medo, pressionando e causando temor aos adversários e, quando necessário, junto do próprio clube ou terceiros; *c)* política, prestando-se a pactos e negociações com os dirigentes desportivos; *d)* estabilidade e apoio em troca de benefícios e cedências.



Para os promotores e dirigentes desportivos a posição mais cómoda consiste em beneficiar da ação dos GOA, prestando-lhes apoio, alimentando a sua força, sem sofrer qualquer responsabilização pelos atos ilícitos destes. Quando ocorrem episódios de violência, poder-se-á sempre lamentar e dizer que a Polícia e os Tribunais não estão a fazer o seu trabalho. Torna-se necessário:

i) Uma Ação coordenada das autoridades judiciárias, visando a desarticulação de fenómenos de violência e criminalidade organizada, bem como de organizações extremistas ou xenófobas.

ii) Política transparente de gestão dos apoios dos clubes aos GOA, recusando apoio aos que não cumpram os requisitos legais e firmando protocolos que corresponsabilizem e prevejam a suspensão do apoio em caso de mau comportamento.

iii) Estratégia inclusiva dos clubes para com os bons adeptos, patrocinando iniciativas como *fan* projects e *fan coaching*, potenciando e dando voz aos GOA que sigam princípios de autorregulação, integração dos adeptos mais novos e promoção de valores éticos, de tolerância e respeito.

iv) Mudança de atitude dos clubes relativamente à instrumentalização dos GOA como meio de pressão, cessando o apoio a grupos violentos.
Ação disciplinar célere e consequente dos organizadores das competições, que corresponsabilize os clubes pelo comportamento dos seus adeptos.

"A nova Convenção e Recomendação do Conselho da Europa sublinham a necessidade de uma política eficaz de exclusão de adeptos violentos"

A Polícia continuará a ser a linha avançada da responsabilidade do Estado – o elo a quem facilmente são apontados erros, falhas ou lapsos. Também a PSP se deve precaver o melhor possível para os desafios futuros. O reconhecimento internacional de uma prestação de excelência que tem caracterizado o policiamento a eventos de elevado perfil – como o EURO2004™ e a final de 2014 da Liga dos Campeões – não deve conduzir a uma acomodação ou desvalorização de fragilidades existentes.

Movida por personalidades como Schuman, Monnet, Adenauer, entre outros, a Europa renasceu das cinzas da II Guerra Mundial e iniciou um período de paz, prosperidade e união dos povos. Instituições como o Conselho da Europa e a União Europeia constituíram-se como espaços de congregação e construção de um futuro melhor, guiado pelo primado da dignidade da pessoa humana.

Dispomos hoje de um precioso legado de valores éticos defendidos por estas instituições, para os quais o desporto é, não o esqueçamos, também um meio de promoção. O legado das instituições europeias compõe-se igualmente de um relevante trabalho de identificação de boas práticas e soluções que nos permitam, juntos, prosperar. Aproveitar a herança que resulta deste processo de construção comum parece-nos, no mínimo, um exercício de prudência.

*Comunicação apresentada na Convenção Internacional de Violência no Desporto, organizada em Lisboa pelo Comité Olímpico de Portugal



“Estarei sempre disponível para dialogar”

PAULO CUNHA

DIRETOR DESPORTIVO DO COP

Foi membro do Departamento de Apoio à Preparação Olímpica, entre 2002 e 2008, e inicia agora um trabalho de objetivo único: contribuir para a conquista de melhores resultados em Tóquio’2020

Problemas formais e dificuldades operacionais

A identificação de problemas faz igualmente parte da agenda do diretor desportivo do COP, que já foi alertado para a existência de alguns obstáculos. "Uma coisa são problemas decorrentes de processos mais formais, outra coisa são as dificuldades operacionais do processo de treino, sentidas por atletas e treinadores. Esses problemas operacionais irão sendo registados, à medida que o contacto com os diretores-técnicos se for concretizando; após o que tentaremos colaborar na resolução dos mesmos. Numa conversa absolutamente informal com o presidente de uma federação, tomei conhecimento de uma série de dificuldades infraestruturais e materiais absolutamente surpreendentes. Estas situações, uma vez sinalizadas, poderão ser objeto de intervenção congregada de federações e do COP, com vista à sua resolução."



Paulo Cunha, 53 anos, foi o nome escolhido para diretor desportivo do Comité Olímpico de Portugal (COP). Licenciado e doutor em Educação Física e Desporto, mestre em Treino de Alto Rendimento, foi treinador e chegou a diretor-técnico nacional da Federação Portuguesa de Natação. Depois de ter sido membro do Departamento de Apoio à Preparação Olímpica, entre 2002 e 2008, iniciou em maio um novo ciclo ligado ao COP.

"Encaro este desafio como sempre encarei todas as funções profissionais que já desempenhei: com ambição, empenho e disponibilidade máxima, enorme responsabilidade – até por se tratar de um novo cargo – e espírito de missão", diz Paulo Cunha à **OLIMPO**, expressando até onde pode ir a ambição de que fala. "Vai no sentido de ajudar as federações, os diretores-técnicos, os treinadores e os atletas a alcançarem as melhores classificações possíveis nos próximos Jogos Olímpicos. Naturalmente, queremos sempre melhor e objetivamos conquistar mais medalhas."

As expectativas quanto à criação do cargo de diretor desportivo do COP eram elevadas e até agora as reações que o nome de Paulo Cunha suscitou foram positivas, existindo já consequências práticas desde que iniciou funções. "Houve federações que solicitaram o contacto e apoio direto, e tenho convites para acompanhar seleções em competições internacionais, em estágios, e em situação de controlo e avaliação do processo de treino."

O papel do diretor desportivo implica garantir maior coordenação e o acompanhamento da preparação olímpica, o que levou Paulo Cunha a estabelecer uma agenda. "O foco central de toda a minha atividade centra-se no acompanhamento dos atletas integrados no Plano de Preparação Olímpica (PPO). Começarei por iniciar o processo junto dos interlocutores oficiais de cada federação. O facto de no alto rendimento o processo de preparação ser extremamente individualizado justifica a necessidade de um contacto próximo com cada um dos agentes envolvidos no PPO."

"Não quero invadir espaço das Federações"

O relacionamento do diretor desportivo do COP com as federações desportivas e treinadores não implica um modelo rígido. "O desempenho dos cargos está sempre dependente das caraterísticas e dos traços de personalidade de quem os executa", diz Paulo Cunha. "Em alguns casos poderei ter a iniciativa, mas não quero invadir o espaço das federações, treinadores e atletas. Senti em uma ou outra situação o receio de invasão indesejada, mas já tive oportunidade de dizer que não tenho espírito de inspetor e a minha função não será a de inspecionar, mas de enquadrar. Na medida do possível, quero ajudar a resolver questões menos bem resolvidas num passado recente. Não sou adepto de grandes formalidades. Assim, irei tentar aligeirar os processos, de forma a que os contactos com as federações, diretores-técnicos, treinadores e atletas possam ter lugar onde for mais fácil conciliar – nas federações ou no COP – mas sobretudo nos locais de prática desportiva e centrar-me no que é mais determinante no desempenho competitivo de alto rendimento. Estarei sempre disponível para dialogar."

A presença de Paulo Cunha no terreno, a acompanhar o trabalho dos atletas, também está prevista. "Esse será um aspeto determinante no cumprimento das minhas funções, que será, aliás, um fator central da minha intervenção. É meu objetivo colaborar na operacionalização dos planos de preparação e avaliação do processo de treino.

As funções do diretor desportivo do COP implicam também a tomada de decisões, "no âmbito da integração ou não de atletas que poderão ver alterado o seu modelo de preparação "em função de situações em que seja necessária a intervenção" do diretor desportivo. Poderão haver subidas ou descidas nos níveis de integração dos atletas." E há uma primeira meta a atingir: "Não desejamos que os atletas não cumpram objetivos e abandonem o projeto. Aquilo que é importante é que a grande maioria dos que se preparam para atingir resultados de excelência, seja a conquista de medalhas, de diplomas ou chegar às meias-finais, no mínimo dos mínimos, esteja presente nos Jogos Olímpicos. O que aconteceu no passado é que, dos atletas apoiados com estes objetivos, pouco mais de 50 por cento estiveram presentes nos Jogos Olímpicos. Isto é algo que deverá ser substancialmente melhorado."

De outros objetivos, como a conquista de medalhas, é, segundo Paulo Cunha, "prematuro estar a falar, porque isso vai ser alvo de discussão com a tutela e esses valores e percentagens serão definidos em termos de contrato-programa, uma tarefa que será, certamente, assumida pelo Presidente do COP."



"Temos de estar em consonância com o processo de treino"

GOMES PEREIRA

DIRETOR DE MEDICINA DESPORTIVA DO COP

Passou pelas federações de Natação, Futebol e Judo, por clubes como o Sporting e o Maratona, continua professor da Faculdade de Motricidade Humana e chega agora ao Comité Olímpico de Portugal para o desempenho de funções pioneiras

José Gomes Pereira é diretor de Medicina Desportiva, nova unidade orgânica na estrutura do COP. Médico, investigador e professor universitário, desempenhou funções em federações e clubes. Aos 62 anos, está a trabalhar num projeto que pretende melhorar o acompanhamento dos atletas em preparação para Tóquio'2020. O desafio é grande. "Vamos lidar com atletas de modalidades diferentes, que pertencem a diferentes federações e clubes, e todo este contexto deve ser levado em consideração. Ou seja, nós nem sempre conhecemos as condições em que os nossos atletas treinam e são acompanhados. Quando falo em treino bem sei que a minha área é fundamentalmente clínica, mas nós não podemos entender a medicina ligada ao atleta dissociada do treino. A medicina que acompanha o atleta de alto nível tem de estar em consonância com o processo de treino. Aceitei este desafio porque o Comité Olímpico é o local ideal para fazer esta conjugação. A nossa primeira tarefa é tentar identificar quais as condições que os atletas têm no acesso a serviços médicos e a serviços médicos diferenciados. Não me refiro a serviços médicos que agem retroativamente, ou seja, que apenas aparecem quando surge uma lesão ou uma doença, mas a serviços que atuam proativamente. Refiro-me a uma medicina ao serviço do treino, que acompanha de facto o atleta quando ele está na sua plenitude".

O passo seguinte está identificado e a forma de atuação também. "O diretor de Medicina Desportiva vai trabalhar de uma forma próxima às federações. E esta hierarquia é fundamental. Não me parece aceitável que uma direção clínica do Comité Olímpico se relacione diretamente com os departamentos clínicos dos clubes, deverá relacionar-se com departamentos clínicos federativos e interessa saber se nas federações com atletas envolvidos na preparação olímpica existe uma interligação entre a preparação feita no clube e aquilo que a federação pretende dos atletas, e em última instância subir um bocadinho mais aquilo que se pretende desse atleta na participação nos Jogos Olímpicos. É um trabalho mais de regulação, de conhecimento inicial em que é fundamental trabalhar em equipa. Quando apresentei este projeto aos meus colegas que trabalham nas federações foi muito bem aceite, porque nós não vamos substituir essa função clínica. A nossa missão não é sermos médicos dos atletas olímpicos, a nossa função é constituirmos um espaço de encontro de debate da preparação olímpica pensada em conjunto para proporcionar os melhores meios possíveis."

Situação desafiante

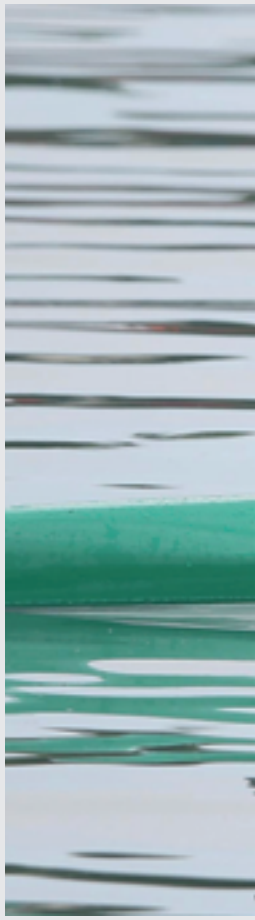
A novidade que configura a criação do cargo na estrutura do COP implica, segundo Gomes Pereira, algumas cautelas na primeira avaliação. "É uma situação desafiante, porque nunca foi feito assim, mas as expectativas não podem ser colocadas muito altas. Tenho a experiência de ter sido médico em clubes, em federações, e sei que é difícil, principalmente com atletas de alto rendimento, conseguirmos uma proximidade que tem de ser sentida necessária por eles, e os diferentes tipos de apoios que os atletas vão tendo são ditados por opções individuais, que têm de ser respeitadas. Eu parto do princípio que o atleta tem confiança nos médicos dos seus clubes e da federação a que pertence, e se nós conseguirmos trabalhar com esses médicos seguramente que vamos criar um modelo melhor de acompanhamento na preparação olímpica. Não estou a dizer que tenha sido mau, mas queremos que seja algo diferente, no sentido de o atleta se sentir verdadeiramente apoiado, de sentir que tem na estrutura clínica meios para que a sua preparação possa ser feita em segurança, otimizada, e que essa otimização passa pela necessidade de eles treinarem cada vez mais afincadamente e não comporte riscos, e permita praticar exercício de elevadíssima intensidade, em segurança".

Novas soluções acrescentam, normalmente, novos problemas, que Gomes Pereira procura elencar. "Nós estamos na fase do diagnóstico. O que é que nós temos a três anos dos Jogos Olímpicos como meios de apoio ao atleta em termos médicos? Esta fase de levantamento vai permitir-nos estabelecer um percurso e um objetivo, e para trilhar o percurso e atingir o objetivo vamos ter de definir um processo. E é isso que estamos a fazer em equipa com os médicos das federações que têm atletas na preparação olímpica."



"Venho para situação que já de si é boa"

Trabalhar com o atleta olímpico, de elite, pode significar um desafio extra para Gomes Pereira, que admite a existência de dificuldades. "Não é fácil trabalhar com atletas de atletas de alto rendimento. E não é fácil porquê? Porque são atletas que todos os dias se testam. Em todos os treinos se desafiam. E esses treinos constituem-se como uma forma de atingir a perfeição, que nunca é obtida, porque há sempre coisas a melhorar. E seria muito mau que um atleta se continuasse a preparar como o fez outrora. E seria muito pior se os treinadores continuassem a ensinar e a treinar como aprenderam. Este é que é o verdadeiro desafio do treino de alto rendimento: é uma área técnica, mas também científica, e a investigação científica tem muito a dar ao treino e o treinador precisa ter a capacidade de absorver esse conhecimento novo e de fazer a triagem do que interessa e não interessa para poder melhorar a sua performance profissional. Se o conseguir e o médico melhorar a sua capacidade de prestação de apoio, seguramente que o atleta beneficiará muito. Isto que eu estou a dizer não é só retórica, é de facto assim e todos os dias nós somos confrontados com situações de resolução difícil e só conseguimos resolvê-los se estudarmos, se estivermos atentos ao que mais moderno se faz no apoio médico aos atletas – mas esta questão também se coloca nas outras áreas de preparação. Seria muito mau que nós considerássemos que o modelo é perfeito… mas considero que o modelo é bom. Venho para um situação que já de si é boa, o que é uma vantagem, mas também desafiante, por ser difícil o salto qualitativo."



TREZE PÓDIOS EM TRÊS ETAPAS DA TAÇA DO MUNDO

CANOAGEM COMEÇA COM BONS RESULTADOS

Teresa Portela, Fernando Pimenta, João Ribeiro, Joana Vasconcelos e Francisca Laia chegaram à medalha de ouro

A equipa nacional de canoagem iniciou o ciclo olímpico com uma série de resultados prometedores. Primeiro foi na etapa da Taça do Mundo realizada no Centro de Alto Rendimento (CAR), em Montemor-o-Velho, nos dias 19, 20 e 21 de maio. Na semana seguinte aconteceu mais uma jornada relevante também na Taça do Mundo, mas em Szeged, na Hungria, e depois em Belgrado, na Sérvia. Ao todo, os canoístas portugueses conseguiram 13 subidas ao pódio, que se traduziram em quatro medalhas de ouro, sete de prata e duas de bronze.

O maior destaque foi alcançado por Fernando Pimenta, vencedor da prova de K1 1000m, em Montemor-o-Velho, e medalha de prata em mais três ocasiões: K1 500m e K1 5000m, ambas obtidas no CAR, e K1 1000m, em Szeged. O medalhado olímpico em Londres'2012 foi ainda à final B de K1 500m, na Hungria, onde foi 5.º classificado.

"Queria começar o novo ciclo olímpico da melhor forma e consegui fazer boas provas, recolhendo indicadores do processo de treino, do que está a ser bem feito e daquilo que deve ser melhorado", disse Fernando Pimenta à **OLIMPO**. "Os resultados foram bastante positivos, logo com quatro medalhas. É bom ver que o trabalho compensa. Seguem-se o Campeonato da Europa e o Campeonato do Mundo, e vou procurar evoluir para atingir a melhor forma."

O facto de a equipa portuguesa ter conseguido um bom resultado global é sublinhado por Fernando Pimenta. "A canoagem está na mó de cima, é bom para a modalidade e para Portugal."

Teresa Portela também chegou à medalha de ouro (K1 200m), na prova portuguesa, e viu neste resultado um bom indício para o ciclo olímpico, conforme revelou à **OLIMPO**. "É sempre importante começar bem, na primeira competição internacional, é sinal de que estamos bem e isso serve de motivação para a prova seguinte. Mas ainda falta um longo caminho até aos Jogos Olímpicos. Muitas coisas acontecerão ainda, em muitas provas, mas vamos tentar tirar o melhor de cada uma delas. De qualquer forma, é sempre preferível iniciar o ciclo com uma vitória do que o contrário."

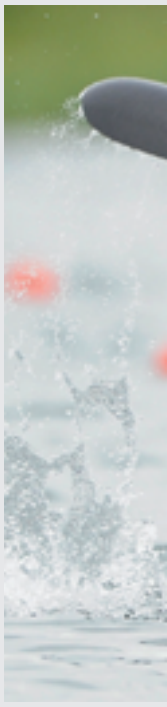
João Ribeiro (K1 5000) conseguiu igualmente o 1.º lugar e a medalha de ouro, em Montemor-o-Velho, numa prova disputada com Fernando Pimenta até aos últimos centímetros de pista. E destaca os bons resultados da equipa

"É um arranque positivo da canoagem no novo ciclo olímpico, a demonstrar que estamos numa boa onda de resultados. No Rio de Janeiro não correu como desejávamos, mas a prestação foi boa", diz o olímpico português, focado no objetivo seguinte. "Vem aí o Campeonato da Europa e as taças do Mundo servem para aferir. No K4 ainda estamos um bocado verdes, numa distância nova, com um novo colega [David Varela]. Temos trabalhado para não chegar à competição e ser um choque. Mas não descuramos o K2 e vamos treinar bastante. Entramos agora numa fase específica da preparação e tudo indica que os resultados poderão ser bons."

Em Belgrado, na Sérvia, também a dupla Joana Vasconcelos – Francisca Laia subiu ao lugar mais alto do pódio, ao vencer a prova de K2 200m.

Para além de Fernando Pimenta conquistaram medalhas de prata a dupla Joana Vasconcelos-Francisca Laia (K2 200m e K2 500m), mais Hélder Silva (C1 200m) e o quarteto composto por Emanuel Silva, João Ribeiro, David Varela e David Fernandes (K4 500m), sendo que este também foi à final A, em Szeged, onde ficou no 7.º posto.

Ainda na competição realizada no CAR, em Montemor-o-Velho, Tiago Tavares (C1 200m) e Rui Lacerda (C1 5000m) chegaram à medalha de bronze.









Fernando Pimenta (em cima), João Ribeiro e Teresa Portela abriram ciclo olímpico a ganhar



Vítor Félix

"Esperamos que este seja um ciclo de grandes conquistas"

Vítor Félix, presidente da Federação Portuguesa de Canoagem, em declarações à OLIMPO, destacou a qualidade da competição organizada em Portugal e os méritos dos desportistas portugueses.

"Tínhamos duas preocupações. Primeiro, queríamos que a organização decorresse dentro dos padrões de excelência a que nos habituámos, desde que o Centro de Alto Rendimento, em Montemor-o-Velho, é palco de grandes eventos. Para nós este foi o último teste antes do Mundial que organizaremos em 2018 e foi importante que tudo tivesse corrido bastante bem, com elogios do Instituto Português do Desporto e da Juventude, da Secretaria de Estado da Juventude e Desporto, e do sr. ministro da Educação. Depois, em termos competitivos, começámos da melhor forma o ciclo olímpico, com três medalhas de ouro, duas delas em distâncias olímpicas, pela Teresa Portela e pelo Fernando Pimenta. Participámos com 40 atletas e foi um bom teste para o Campeonato do Mundo. O ano passado ganhámos oito medalhas e este ano foram onze."

Mas este, segundo Vítor Félix, foi apenas um indício para o que poderá seguir-se.

"Temos um longo caminho a percorrer, e o que esperamos é grande empenho dos nossos atletas. A canoagem tem sido uma modalidade de referência, com mais de 100 medalhas conquistadas, entre campeonatos da Europa, do Mundo e Jogos Olímpicos. Esperamos que este seja mais um ciclo de grandes conquistas, com um recorde de participações nos Jogos de Tóquio, em 2020."



Foi ministro da Educação entre 2002 e 2004, tem presidido ao Conselho Nacional de Educação e recentemente passou a fazer parte da Comissão de Cultura e Desporto do Comité Olímpico de Portugal. O seu passado envolve uma experiência no atletismo do Belenenses e, aos 64 anos, tem uma visão muito particular da ligação dos portugueses ao desporto, em particular o futebol, um fenómeno social que entende não dever ser menosprezado

DAVID JUSTINO
"HÁ ATLETAS QUE NÃO OBTENDO MEDALHAS CONSEGUEM REGISTOS DE SUPERAÇÃO MUITO GRANDES"

Foi durante a sua presidência que o desporto passou a ter um representante no Conselho Nacional de Educação. Porquê?

Por uma razão simples: quando cheguei, fiz uma análise da composição do Conselho, quem eram, quem não eram, que forças representavam, que setores da sociedade representavam, e havia falhas. O desporto não estava representado, o ensino especial não estava representado e eu entendi propor, na altura, ao ministro Nuno Crato fazer uma alteração à lei orgânica, de forma a alargar um bocadinho. Nós não aumentámos o número de lugares, mas havia um peso excessivo de instituições controladas pelo Governo no Conselho. E eu entendi que devia haver uma maior autonomia. Nesse sentido, o que propus foi uma pequena desgovernamentalização do Conselho, abrindo a possibilidade de outros setores estarem representados.

Por que diz que "mais tempo escolar não é melhor tempo"?

Porque nós temos uma visão muito quantitativa do tempo escolar. Quando falam do princípio da escola a tempo inteiro, eu aceito-o se não for sala de aula a tempo inteiro. Tudo o que seja o desenvolvimento pessoal dos alunos passa por pô-los face a situações diferenciadas, nas quais os estímulos aconteçam não apenas através da sala de aula, mas do desporto, da música, do recreio. O problema não é ter mais tempo, é ter melhor tempo, mais diversificado, aumentar as fontes de estimulação e de motivação dos alunos, para tornar a escola não aquilo que é a tradicional abordagem da sala de aula, que quando acontece em excesso pode ter efeitos contraproducentes, nomeadamente insucesso escolar. Portanto, os miúdos precisam de espaço para desenvolver outras atividades que não sejam apenas a aprendizagem cognitiva. Às vezes, o que acontece é que mesmo uma parte da Educação Física é feita em sala de aula e tenho algumas reservas. Por exemplo, com o prof. José Esteves, mesmo no ginásio, uma parte da aula era sobre aquilo que envolve a atividade física, como as regras, o fair-play, a tática. Às vezes há uma obsessão pela sala de aula que tem efeitos perversos, satura os alunos. Quando digo melhor tempo é esta alternância de aprendizagem cognitiva e aprendizagem baseada na prática, tanto quanto possível fora da sala de aula. A sala de aula tem de ser muito bem utilizada. Prefiro ter menos matéria bem aprendida, do que muita matéria mal aprendida. A gestão do tempo é fundamental para uma boa aprendizagem.

Que opinião tem em relação ao tempo letivo que é atribuído à Educação Física, sendo que varia de escola para escola?

O último estudo que fizemos sobre o tempo escolar levanta dois problemas. Um é a carga horária da atividade física, que, consoante os ciclos, é muito desigual. Isto não devia ser feito em função da distribuição dos horários, das cargas horárias, ter mais ou menos professores, mas deveria ser feito em função das necessidades dos alunos e daquilo que é a estratégia do seu desenvolvimento. O

segundo aspeto é a forma como algumas escolas fazem: dão 45 minutos para as expressões físicas e, entre o equipar e desequipar, a aula fica reduzida a nada. Há aqui uma base de bom senso e de organização em que a Educação Física é prejudicada. São pequenas medidas que fazem aumentar o bem-estar e a aprendizagem, não são grandes políticas, e tanto quanto possível deveriam ser as escolas a desenvolvê-las.



Fazia sentido ter a Educação Física nos currículos escolares e não a avaliar de modo a pesar no desempenho global dos alunos?

Esse é um falso problema. A avaliação já se faz, o problema de atribuir ou não nota é uma coisa completamente diferente. As pessoas confundem avaliar e classificar. Nós podemos ter avaliação sem classificação e podemos ter avaliação com classificação. Fazer a classificação para além da avaliação dá um aspeto mais vinculativo e obriga o aluno a querer atingir determinadas metas. O fundamental é que haja uma avaliação, que pode até não ser quantitativa. Muitas vezes, pelo facto de não haver classificação não se faz avaliação. Isso não pode ser. A avaliação tem uma dimensão formativa muito forte. Se houver feedback, o professor pode corrigir determinadas dificuldades do aluno. É isso que é fundamental fazer.

Deve ou não a nota de Educação Física entrar na média escolar do aluno?

Tudo depende de saber qual é o projeto educativo da escola. A decisão deve ser da escola, não do Ministério. Ou seja, se a escola, no seu projeto educativo, confere uma importância considerável à Educação Física então pode assumir a responsabilidade da classificação. Tudo por igual não creio que seja a melhor solução.

A maioria dos desportistas queixa-se das dificuldades de articulação da prática com a vida académica. Como é que isso pode ser melhorado?

Isso resolve-se com os próprios clubes e as federações a estabelecerem com as escolas formas de cooperação no sentido de compatibilizarem uma coisa com a outra. Os grandes clubes de futebol têm um investimento enorme em infraestruturas, mas, segundo creio, não há nenhum que tenha uma escola dentro do seu centro de formação.

Há protocolos com escolas.

Se os protocolos com escolas no exterior ajudarem, muito bem, mas, face à escala de clubes como o Benfica, o Sporting e o Porto, se calhar há dimensão suficiente para terem escola própria. É uma área de que os clubes não se devem alhear, porque é uma vantagem competitiva. Ter uma boa escola, um bom colégio associado ao clube, pode ser um fator positivo de atração de miúdos, que para além de alojamento e refeições também têm ensino. O projeto educativo pode ser ajustado ao tipo de alunos que o clube tem, uma coisa mais difícil de fazer numa escola que, para além de servir esses alunos, tem muitos outros. Não basta formar atletas, é necessário formar pessoas. Os clubes têm uma responsabilidade sobre isso e o Estado até podia favorecer a existência desse tipo de unidades.

Os portugueses gostam de desporto ou este gosto resume-se ao futebol?

O futebol é dos fenómenos sociais mais interessantes, não há mais nada que consiga meter em torno da mesma modalidade a quantidade de pessoas que o futebol mete. O futebol é à escala mundial um fenómeno que nem a igreja é, porque há várias igrejas. No caso português há muita gente que gosta de futebol e também há muita gente a praticá-lo. Não vejo que possa ser recriminado por isso. Como outras modalidades, tem uma componente de espetáculo e uma componente desportiva. Pode ou não ser atrativo, mas, como espetáculo, hoje atrai mais pessoas do que o teatro, o cinema, etc. Em vez de o desvalorizar, devíamos tentar perceber o que é que as pessoas vão buscar ao futebol. Alguma coisa é.

E o que é que vão buscar?

Várias coisas. Vão buscar identidade. Dantes falava-se que o futebol era só alienação, mas acho que as pessoas não vão lá nessa perspetiva, vão lá porque socializam, desenvolvem mecanismos de identidade, de discussão. O futebol não é só aquilo que se passa nas quatro linhas, depois durante a semana alimenta um processo coletivo enorme que não deve ser menosprezado. Agora, como em tudo... eu, por exemplo, já não tenho paciência para ouvir comentadores desportivos tal como eles existem. Não tenho paciência, mas de vez em quando vejo. Aquilo é tão baixo, a qualidade dos debates é tão má... aquilo que eu estava à espera era que as pessoas discutissem futebol mesmo.

O jogo?

O jogo, a tática, as estratégias, o desempenho dos jogadores, os momentos inesquecíveis. O que é que as pessoas andam a discutir? É o presidente disto, o presidente daquilo. Às vezes, fico a pensar que o fundamental no futebol é a comunicação. Os jogos ganham-se com comunicação e isso é o mais antidesportivo que nós podemos admitir. Os jogos ganham-se com treino, com esforço, com dedicação, com técnica, aí é que as grandes equipas ganham. A comunicação é uma parte.

Já falou da identificação que acontece entre adepto e equipa. Como é que assistiu à identificação dos

portugueses com a seleção campeã da Europa de futebol?

Portugal inteiro identifica-se com a seleção quando ganha, porque se perdesse não havia identificação nenhuma. Identidade – para utilizar a expressão futebolística – só depois do jogo. Não há nenhum processo de adesão e de identificação quando a equipa perde. Porquê? A seguir à vitória no Europeu ouvi que aquilo era uma expressão da qualidade dos portugueses, não dos jogadores, mas dos portugueses. Os portugueses é que ganharam o Europeu? Não, foram aqueles jogadores e aquela equipa técnica. O problema é saber se aquela "entourage" reflete aquilo que nós somos enquanto país, nação. Há uma apropriação do êxito, do sucesso. Se há sucesso todos nos revemos nele, se não há... o que é que teria acontecido se não tivéssemos ganho? Mas este não é um problema português, é geral. O desporto tende a criar estes mecanismos de autoestima, mas também dá para criar situações de depressão coletiva.

Como é que assiste à discussão que se faz a cada quatro anos acerca dos méritos do desporto português, capaz ou não de ganhar medalhas olímpicas?

Eu julgo que internamente quem tem de decidir sobre a participação de Portugal nos Jogos Olímpicos, em que modalidades e com que atletas, se quiser trabalhar com os atletas em termos de objetivos, e os objetivos são medalhas, deve socializar e generalizar essa prática ao nível da comunicação social. Isso condiciona os atletas, tem de haver pressão, mas interna. Quando a pressão é muito forte gera as situações de exuberância ou de depressão, porque não ganhámos. Temos de ter consciência que somos um pequeno país e as políticas desportivas não são tão ricas e desenvolvidas como gostaríamos. Por exemplo, o desporto escolar. Nós só teremos uma boa base de recrutamento se generalizarmos a prática desportiva em todos os níveis. Posso falar do potencial que o desporto escolar tem com experiência própria como fonte de recrutamento, que precisa de organização, de recursos. Isso conseguiu-se, porque quando estive no Ministério tinha uma equipa liderada pelo Carlos Barroca e pelo Fernando Pais, que conseguiu dar a volta completa ao desporto escolar.

Insisto: como é que vê a limitação do mérito aos vencedores das medalhas?

Isso é de uma injustiça muito grande. Há uma espécie de mercantilização da atividade muito grande. A sociedade, através do Estado, investe na preparação dos atletas e quer ter um retorno e se ele não existe há frustração. O desafio do desporto é a superação e há atletas que não obtendo medalhas conseguem registos de superação muito grandes. Porque progrediram, nomeadamente em modalidades em que a implantação não é grande. Para termos três, quatro, cinco, seis, sete medalhas, a base tem de ser alargada, de modalidades e de atletas.

A escola tem um papel a desempenhar na prevenção da dopagem?

Eu acho que não é só a escola, é a sociedade. E não é só o problema da dopagem, é a ética social, a ética de responsabilidade. Nada justifica que um atleta, um político, um professor, seja quem for adote métodos não reconhecidos, proibidos, para atingir os seus fins. O problema da dopagem é importante e a escola tem o papel de desenvolver essa ética, de dizer que não vale tudo. Quando nós transformamos o desporto no caminho para a glória todos querem ir para a glória. O que nós vemos muitas vezes é que a escola anda a apregoar determinado tipo de valores, de regras, e os alunos vão para casa, ligam a televisão e veem precisamente o contrário, que a glória se atinge através da má-criação, da má educação e da polémica. Hoje vivemos na ética do espetáculo em que tudo é possível. Aquilo que as televisões estão a fazer é contra uma ética de comunicação.



"Para termos três, quatro, cinco, seis, sete medalhas, a base tem de ser alargada, de modalidades e de atletas"

Atualmente assiste-se a um crescimento dos níveis de conflitualidade, em especial no desporto profissional, que acabam por ter como consequência situações de violência. Como é que assiste a esta tendência?

Com preocupação, embora a chamada violência verbal ultrapasse claramente a violência física. Mesmo assim, entre jogadores ou entre adeptos não há uma generalização da violência, o que há são formas organizadas de expressão de uma violência clubística, um ritual de afirmação de identidade que é feito contra o outro. Não é pela valorização de quem é, mas contra aquilo que o outro é. Os clubes não deveriam promover e apoiar esse tipo de grupos. Vou a um espetáculo e não preciso de claques a puxar pelos atores. Se houver maior cuidado na mediatização desses fenómenos talvez não sejam alimentados. Por isso é que sou muito crítico dessas estratégias de comunicação, na alimentação desse clima de conflitualidade. Basta haver um caso mais grave para as pessoas se afastarem e isso é mau para o negócio.

GYŐR 2017 European Youth Olympic Festival

FESTIVAL OLÍMPICO DA JUVENTUDE EUROPEIA

MAIS DE 4000 JOVENS ATLETAS CELEBRAM O DESPORTO!

O Festival Olímpico da Juventude Europeia (FOJE) é organizado pelos Comités Olímpicos Europeus. Trata-se de uma competição multidesportiva destinada a jovens talentos.
Este ano a edição de verão do evento terá lugar na cidade húngara de Györ entre os dias 22 e 30 de julho.
Portugal vai estar representado por mais de meia centena de atletas em sete desportos individuais



A cidade de Györ está preparada para receber a 14ª edição do Festival Olímpico da Juventude Europeia. Durante uma semana atletas e representantes de 50 Comités Olímpicos nacionais, incluindo o de Portugal, irão participar num dos mais importantes eventos desportivos do ano, destinado a atletas entre os 13 e os 17 anos.

O FOJE tem no seu programa competições de Andebol, Atletismo, Basquetebol, Canoagem, Ciclismo, Ginástica Artística, Judo, Natação, Ténis e Voleibol.

Portugal só não vai competir nas modalidades coletivas, uma vez que a escolha dos oito países participantes em cada uma destas modalidades é feita com base nos rankings das Federações Desportivas europeias. De resto, a representação lusa será composta por 53 atletas, em todas as modalidades individuais presentes no evento.

Os FOJE têm constituído uma oportunidade para a revelação de alguns dos grandes talentos portugueses das últimas décadas, que confirmariam, mais tarde, o seu valor nos Jogos Olímpicos, pelo que esta competição é decisiva no percurso e nas carreiras de muitos atletas.

Para além dos inúmeros atletas que, depois de participarem numa edição do FOJE, estiveram nos Jogos Olímpicos, quando analisados os registos de todas as edições dos dois eventos, encontramos 3 atletas que, depois de terem alcançado o pódio num FOJE repetiram, anos mais tarde, o mesmo sucesso nos Jogos.

São os casos de Sérgio Paulino (Bath 1995 - Ouro e Atenas 2004 – Prata), de Nelson Évora (Murcia 2001 – Ouro e Pequim 2008 – Ouro) e de Fernando Pimenta (Lignano Sabbiadoro 2005 - Ouro e Londres 2012 – Prata).

Este ano, Catarina Monteiro é a Chefe de Missão ao Festival em Györ e terá como Adjunto Filipe Jesus. Preparam a Missão há vários meses e estiveram na cidade húngara na última reunião de Chefes de Missão, onde foram informados sobre as questões mais importantes relacionadas com acreditações, transportes, serviços de saúde, medidas de segurança, cerimónias e voluntariado.

Os Chefes de Missão visitaram os locais onde vão decorrer as provas, bem como Aldeias de Atletas em fase final de construção.

"A partir do momento em que definimos as quotas por Federação começou a intensificar-se o trabalho. No que diz respeito ao planeamento das viagens e dos alojamentos, à gestão das acreditações, das inscrições desportivas, a coordenação do apoio médico e de fisioterapia, tudo é tratado por nós", refere a Chefe da





Filipe Jesus e Catarina Monteiro lideram a Missão Portuguesa; à direita, Zsolt Borkai, presidente do Comité Olímpico Húngaro



Missão portuguesa, que admite que este não é um trabalho que difere muito de outras Missões também organizadas pelo Comité Olímpico de Portugal. "A grande diferença é que estamos a falar de uma competição em que os atletas são todos eles jovens, daí a necessidade de haver um acompanhamento mais próximo deles, juntamente com os respetivos treinadores e oficiais de apoio", conclui.

A colaboração das federações desportivas portuguesas cujas modalidades estão no programa do FOJE 2017 tem sido essencial para o sucesso da Missão e Catarina Monteiro não se cansa de realçar o entendimento entre todos: "Há uma empatia muito grande, o funcionamento em relação às edições anteriores é o mesmo e o trabalho corre muito bem! Também com a organização do evento em Györ tem sido uma bela surpresa. Até agora estão a fazer um trabalho fantástico, esperemos que continue. Estão a disponibilizar infraestruturas fabulosas, de grande qualidade."

Voluntários preparados com todo o rigor numa cidade renovada

À semelhança do que acontece na maioria das grandes organizações internacionais, o papel dos voluntários é fundamental.

Para que não existam falhas durante o Festival, mais de mil voluntários tiveram oportunidade de se encontrarem com os seus coordenadores e participarem numa espécie de treino geral sobre o evento e suas futuras tarefas. Assistiram ainda a uma aula sobre comportamento voluntário e ética.

Quando faltavam menos de dois meses para o início do evento a chama chegou a Györ, vinda de Roma, cidade onde foi acesa para o Festival Olímpico da Juventude Europeia.

Com novas instalações, a cidade parece transformada. Há ligações de transportes aprimoradas, estradas novas e várias renovações. Para Zsolt Borkai, o presidente da Câmara de Györ e presidente do Comité Olímpico Húngaro, "a preparação para o Festival exige um alto nível de compromisso e coordenação em relação aos atletas, profissionais do desporto, voluntários locais e estrangeiros, instituições culturais, bem como corporações privadas como patrocinadores, que contribuem para a realização de um evento bem sucedido para a Europa".

O Comité Organizador do FOJE trabalha todos os dias com o objetivo comum: fazer com que os participantes se sintam como se estivessem em casa, durante os últimos dias do mês de julho.







THE WORLD GAMES
WROCŁAW 2017

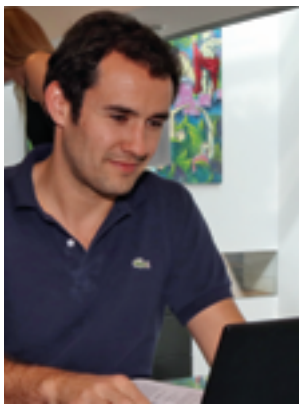
MODALIDADES NÃO OLÍMPICAS MOSTRAM-SE NOS JOGOS MUNDIAIS

PORTUGAL ESTÁ REPRESENTADO COM 18 ATLETAS

Os Jogos Mundiais são um evento multidesportivo, à escala mundial, no qual entram no programa de competição as modalidades não olímpicas reconhecidas pelo Comité Olímpico Internacional. A sua organização é gerida pela Associação Internacional dos Jogos Mundiais, a cada quatro anos, sempre no ano seguinte ao dos Jogos Olímpicos. Este ano decorrem na cidade polaca de Wroclaw, entre os dias 20 e 30 de julho e o Comité Olímpico de Portugal organiza pela primeira vez a Missão de Portugal

Marco Alves, Diretor do Departamento de Missões e Preparação Olímpica do COP, é o Chefe de Missão à décima edição dos Jogos Mundiais. Como em qualquer evento desta natureza, a chefia deve preocupar-se em garantir as melhores condições de participação aos Atletas que alcançam a respetiva qualificação.

E, por isso, para Marco Alves as tarefas que desempenha não deixam quaisquer dúvidas: "Quando comecei a trabalhar no Comité, um colega da altura repetia várias vezes 'aqui não são só os Atletas que têm que ser de Alto Rendimento, todos nós, os que os rodeiam, têm que acompanhar esse nível'. É com este sentido de missão e de compromisso que nos envolvemos na preparação da nossa participação e na constituição da equipa que melhor poderá acompanhar os nossos Atletas, entre Treinadores, Médicos e Fisioterapeutas."



Marco Alves, Chefe da Missão Portuguesa aos Jogos Mundiais

Trata-se de planear, preparar e executar tudo o que permita que os Atletas e Treinadores se preocupem apenas com o treino e a competição, bem como instituir um espírito de grupo com orgulho de representar Portugal.

O Chefe de Missão explicou como tem sido o trabalho nos últimos meses: "Tem sido um verdadeiro processo de aprendizagem. Se no caso das modalidades olímpicas a nossa sensibilidade está bastante mais desenvolvida pela experiência que vamos acumulando ao longo das diversas Missões, no caso das modalidades que integram o programa desportivo dos Jogos Mundiais verificamos algumas diferenças".







Fruto das alterações de algumas das disciplinas de cada modalidade em competição nos Jogos Mundiais o número de Atletas e Oficiais nacionais envolvidos, quando comparado com outras Missões, é também mais reduzido.

De acordo com os critérios de qualificação internacionais, Portugal garantiu o apuramento de 18 atletas (10 masculinos e 8 femininos), em quatro modalidades individuais, de acordo com a seguinte distribuição por modalidade:

- Danças Latinas Par Misto
- Ginástica Acrobática Par Misto
- Duplo Mini Trampolim Individual Masculino
- Duplo Mini Trampolim Individual Feminino
- Trampolim Sincronizado Par Masculino
- Trampolim Sincronizado Par Feminino
- Muaythai -54 Kg Individual Feminino
- Muaythai -75 Kg Individual Masculino
- Patinagem Artística Livre Individual Masculino
- Patinagem Artística Livre Individual Feminino
- Patinagem Artística Dança Par Misto
- Patinagem Velocidade Individual Masculino

Marco Alves teve oportunidade de se deslocar à Polónia no passado mês de abril para reunir com o Comité Organizador. Para além da reunião de trabalho com os responsáveis das principais áreas dos Jogos Mundiais, foi possível perceber as principais diferenças entre a organização destes Jogos e os restantes eventos desportivos internacionais, nos quais Portugal tem tradição em participar, como os Jogos Olímpicos, por exemplo.

"No que diz respeito às instalações desportivas fiquei agradavelmente surpreendido pelas localizações escolhidas. Não se trata de instalações novas, mas o conjunto de equipamento que a cidade dispõe é bastante interessante. Numa época em que se fala muito de sustentabilidade e legado das grandes organizações desportivas, creio que a cidade e o Comité Organizador fizeram escolhas bastante interessantes", acrescenta o Chefe de Missão de Portugal.

Promover a cidade no mundo

Estes Jogos proporcionam uma promoção da cidade e do país no mundo. No entender dos organizadores, os Jogos Mundiais são uma oportunidade única para criar as condições para desenvolver a atividade física entre todos os cidadãos húngaros.

Mas configuram-se também como uma plataforma de teste para as modalidades que têm a pretensão de integraram o programa desportivo dos Jogos Olímpicos.

A edição de 2017 regressa à Europa depois de Londres, em 1985, e de Duisburgo, no ano de 2005.

No total, são 27 as modalidades que fazem parte do programa dos Jogos Mundiais e mais 4 de demonstração. Todas as provas serão realizadas em pavilhões, estádios e infraestruturas multifuncionais, que na sua maioria já existiam, em Wroclaw.

O apoio do Comité Olímpico Internacional (COI) é total e determinante para o sucesso desta competição. O Presidente Thomas Bach já anunciou que estará em Wroclaw e vai assistir à Cerimónia de Abertura, preparada com todo o cuidado.

No Estádio onde se vai realizar a cerimónia estarão três palcos gigantes montados, com música e coreografias alusivas aos Jogos Mundiais. Mais de 400 artistas polacos e não só atuarão durante a cerimónia, onde vão desfilar também os representantes portugueses.

Durante os preparativos para o evento, especialistas do Departamento desportivo do COI estiveram totalmente envolvidos na planificação e execução de todas as tarefas. Supervisionaram os trabalhos e ajudaram na execução de tarefas que uma grande organização mundial exige.

No ano passado, o COI e o Comité Organizador dos Jogos Mundiais assinaram um Memorando de Entendimento, que sublinhou uma cooperação mais estreita entre as partes.

TOMÁS PODSTAWSKI

Profissional e estudante de alto nível



Conjugar a obtenção de resultados no desporto de alto rendimento com as aspirações a conseguir uma formação académica universitária continua a ser, em Portugal, uma missão ao alcance de poucos. Tomás Podstawski, futebolista do V. Setúbal, com estatuto de internacional nas seleções nacionais e uma participação olímpica no Rio de Janeiro'2016, está entre a elite que consegue realizar os dois trabalhos. A **OLIMPO** foi saber como o consegue.

"Um jogador de futebol não foge à regra no que são as exigências e as responsabilidades da competição ao mais alto nível. O facto de eu estar a jogar num clube de elite e poder representar a Seleção Nacional exige grande sacrifício e empenho. Estar inserido neste contexto é gratificante, é um orgulho", diz o futebolista, de 22 anos. "Quando comecei na equipa profissional, entrei no ensino superior, porque estive presente em dois campeonatos da Europa, num campeonato do Mundo e nos Jogos Olímpicos, e tinha estatuto de alta competição. Considero que atingi um bom nível académico, no curso de Línguas e Relações Internacionais, que permite ter outros horizontes e conhecer outro tipo de pessoas e de realidade. Ainda não acabei o 1.º ano, porque muitas cadeiras tinham avaliação contínua e eu só conseguia estar presente em exames, estudando por fora."

As facilidades que a lei confere muitas vezes são travadas por dificuldades verificadas na prática, como explica Podstawski. "O estatuto de alta competição permite fazer os exames em épocas especiais, podendo decidir-se com o docente qual a melhor data, mas muitos professores não estavam habituados a essa realidade. Às vezes, não é fácil, até na própria secretaria e na direção da escola. Houve recetividade de todos, cooperaram comigo, mas a verdade é que tive momentos em que não consegui realizar os exames, porque fui chamado à Seleção ou havia jogos internacionais com o próprio clube, e acabei por deixar cadeiras para trás. Agora fiz uma interrupção letiva, mas o foco é tirar, no mínimo, a licenciatura."

O olímpico do V. Setúbal não se desvia do objetivo. "Quero, para valorização e realização pessoal, acabar esse curso superior, do qual gosto e ao qual estou ligado, pelo facto de ser de Línguas e Relação Internacionais, e de o meu pai ser polaco."

A participação nos Jogos Olímpicos deixou no internacional português sentimentos mistos, proporcionados pela experiência competitiva e pelo convívio com atletas de outras modalidades. "A prestação foi muito boa, a nível individual e coletivo, embora tenhamos ficado aquém daquilo que poderíamos ter atingido. Soube-me a pouco, porque o meu objetivo era mesmo conquistar uma medalha. Sonhava com isso e fui para os Jogos, no Brasil, com uma grande ambição de poder ser um dos poucos medalhados portugueses, um orgulho para o povo português, mas não deu. Trata-se do evento desportivo mais importante a nível mundial. É o auge. Vou levar essa experiência para o resto da minha vida."



ANA VITAL MELO

"TEMOS DE ESTAR NOS PROJETOS A 100%"

Os olhos brilham quando fala da modalidade que a fez chegar a Presidente de uma Federação desportiva.
É uma mulher do Desporto. Determinada, sempre focada nos objetivos que traça para a sua vida, profissional e pessoal.
Ana Vital Melo é Presidente da Federação Portuguesa de Kickboxing e Muaythai. Uma das poucas mulheres com um cargo de grande responsabilidade no Desporto em Portugal

O Muathay português vai ter pela primeira vez dois atletas nos próximos Jogos Mundiais: Maria Lobo e Diogo Calado.

Ana Vital Melo é muito determinada. Quando persegue um objetivo não desiste até conseguir! Gere duas modalidades numa mesma Federação e não compreende porque é que os apoios que recebe são iguais aos que são atribuídos às federações compostas apenas por uma modalidade.

"O Kickboxing e o Muaythai são modalidades distintas. Uma não é disciplina da outra. São diferentes. Dependem de Federações Internacionais diferentes, mas em Portugal consideram-nos uma só e eu ainda não consegui fazer ver aos decisores que estão errados", explica Ana Vital Melo, que admite que, no momento em que assumiu o cargo, teve de "arrumar a casa", quer em termos organizativos, quer no plano financeiro: "Eu estou sempre presente. Estou cá para tudo, mas todos, e são mesmo todos, têm de estar de alma e coração em cada uma das tarefas que desempenha. Sejam os elementos da minha equipa diretiva, sejam os funcionários da Federação, sejam os treinadores ou os atletas. Eu estou a cem por cento, mas eles também têm de estar! Só assim faz sentido levarmos o barco para a frente e evoluirmos enquanto modalidade".

Ana Vital Melo é jurista na Fundação Champalimaud. Ocupa também o cargo de Vice-presidente da Federação Internacional de Muaythai Amador.

Divide as 24 horas do dia entre a atividade profissional, a gestão da Federação e reuniões internacionais, a organização e acompanhamento de estágios e competições, a vida pessoal e o apoio a animais abandonados, tentando encontrar um lar para cada um deles.

Começou no Muaythai para praticar um desporto de manutenção. Competiu nos desportos motorizados e fez parte da Comissão Parlamentar de Desporto, na Assembleia da República. "Acredite que, ler a legislação, fazer a legislação (e contra mim falo), num gabinete é completamente diferente das dificuldades que nós sentimos, da falta de regulamentação, da falta de atualização, da inexperiência de quem a maior parte das vezes faz essa legislação".

Mesmo assim, Ana Vital Melo não desiste de lutar por garantir mais e melhores condições para os seus atletas.

SPORT CLUB DO PORTO

Guiado pelo ideal

Fundado há mais de um século, o clube portuense continua a distinguir-se pela forma como alia o alto rendimento à promoção da atividade física

Um clube que é uma escola. O Sport Club do Porto, fundado em 1904, tem 32 modalidades ativas, 4.531 atletas e 8.267 associados, e continua a aliar o desenvolvimento do desporto de alto rendimento, expresso historicamente na qualificação de atletas para os Jogos Olímpicos, à promoção da atividade física.

Paulo Barros Vale, presidente do clube desde 1996, reafirma a vocação olímpica do Sport, criado por dissidentes do Clube Fluvial Portuense. "Na nossa génese, na nossa cultura estão esses princípios, o que nos distingue de alguns clubes da região. Nós tentamos manter o ideal olímpico original. Mantemos o amadorismo puro. Todos os nossos atletas são amadores. Temos formação e competição, e queremos formar caráter e cultura, princípios que vêm de Coubertin. Somos, para além de um clube desportivo, uma escola."

As instalações do clube distribuem-se pelo Porto, Gaia e Matosinhos, mas a sede continua na Rua de Santa Catarina, da Cidade Invicta, desde 1922. Entre as distinções oficiais feitas ao Sport, que incluem o Grande Colar de Honra ao Mérito Desportivo, encontra-se o Troféu Olímpico, atribuído pelo Comité Olímpico de Portugal em 1969. "É muito importante, primeiro porque há poucos clubes no país que o tenham conseguido", admite Paulo Barros Vale. "Depois, é o reconhecimento de um determinado tipo de perfil e de papel. Nem sempre conseguimos ter atletas nossos nos Jogos Olímpicos, mas estamos sempre com a cultura do olimpismo presente. A simbologia que representa o Troféu Olímpico faz-nos manter na nossa linha original."

O remo e a ginástica artística são as modalidades que maior visibilidade têm dado ao Sport, nas últimas décadas, mas o ecletismo continua a ser um dos seus principais traços distintivos. "Nós devemos ser um dos clubes com mais modalidades no país. Em termos de verdadeira prática desportiva, deveremos mesmo ser o que tem mais modalidades. Ao longo destes anos, umas vão sendo mais fortes do que outras. A nossa modalidade fundadora, em 1904, foi o remo e nela continuamos a ser relevantes. Hoje, a ginástica é um expoente do Sport e temos uma posição muito importante a nível nacional - basta ver os resultados -, mas há 20 anos, quando cheguei ao clube, estava parada." Segundo Paulo Barros Vale, o trabalho feito assenta em três variáveis: "É preciso muita criatividade, muito risco, muito sonho. Nós fazemos milagres todos os dias. São estas coisas que nos dão um status de crescimento. Estas instituições são de serviço, por isso é que têm utilidade pública. Não tem lógica o estado outorgar esse estatuto e depois os clubes não prestarem serviço público."

Ginástica em destaque

Cristina Gomes, professora da Faculdade de Desporto, da Universidade do Porto, trabalha com as olímpicas do Sport, Zoë Lima (Londres'2012) e Filipa Martins (Rio de Janeiro'2016). A treinadora de ginástica artística explica



Paulo Barros Vale, presidente do Sport



Filipa Martins nos Jogos do Rio; Cristina Gomes e Zoë Lima (em janela)

de Coubertin

como se faz para ter sucesso num clube amador. "Nós trabalhamos no sentido de ter atletas de alto rendimento, de haver um grupo de ginastas grande, com mais qualidade. E isso foi-se traduzindo em participações olímpicas. Temos trabalhado mais horas, num espaço apropriado. Há um grupo a trabalhar com crianças mais pequenas, até à idade adulta, e temos criado uma escola para tentar chegar ao alto rendimento com mais gente e melhores resultados. Acho que estamos no bom caminho, com treinadores de qualidade e uma chefia que nos apoia muito."

Apurar duas ginastas para duas edições consecutivas dos Jogos Olímpicos não esgotou a tarefa de Cristina Gomes. "A minha filosofia de vida é conseguir fazer sempre melhor. Temos é de ver onde estamos mal e podemos melhorar. Ainda não atingimos o teto. Quanto mais acima chegamos, com resultados interessantes, mais difícil será. Quando estamos em 2º, o 1º é sempre mais difícil. A Filipa Martins ficou em 8º lugar no Campeonato da Europa e para ficar mais à frente tem de fazer mais coisas."

Filipa Martins, 21 anos, foi aos Jogos do Rio. E, depois do que viveu, ficou convencida. "É uma experiência boa e única. Espero voltar daqui a três anos. É um momento de sonho, objetivo de vida. Não estava muito bem fisicamente, mas tenho três anos para evoluir e conseguir melhores resultados, tentar chegar à final dos Jogos Olímpicos."

Em Londres'2012 esteve Zoë Lima, 25 anos, e esse é um tempo inesquecível. "A participação nos Jogos Olímpicos é sempre um sonho para os atletas, não consigo descrever a experiência. É vivida, não se explica." Para a atleta do Sport Club do Porto, Tóquio'2020 está distante. "Ainda falta muito tempo, vamos passo a passo."

A treinarem seis dias por semana, com sessões bidiárias em três deles, as ginastas do Sport continuam a dar corpo à vocação olímpica do clube portuense. Mas só uma delas poderá estar presente nos Jogos de Tóquio. "Ainda faltam três anos. Temos as nossas olímpicas, a Filipa Martins e a Zoë Lima, e ginastas mais jovens. Se conseguirmos o apuramento irá a melhor, porque não estando Portugal entre as doze primeiras equipas só poderá ir com uma representante. Mas poderá não ser do Sport, porque há mais atletas na Seleção Nacional, e ainda bem", conclui Cristina Gomes.

JOSÉ SOUSA UVA

"GOSTAVA DE SER TREINADOR DA CAMPEÃ OLÍMPICA"



É algarvio, nascido em Loulé. Foi no sul do país que viveu e estudou até entrar na Faculdade. Rumou até ao Porto para frequentar o curso de Educação Física, com especialização em Atletismo. Recua até aos primeiros anos de liceu para explicar um motivo para esta escolha, quando a professora de Educação Física o mandava correr em vez de jogar à bola. Depois da licenciatura concluída, regressou ao Algarve e trabalhou no Desporto Escolar. Um ano mais tarde casou e veio para Lisboa. Foi viver para Massamá e iniciou então a vida de treinador no J.O.M.A. (Juventude Operária de Monte Abraão). Foi aí que se cruzou pela primeira vez com Patrícia Mamona. Lá permaneceram durante 14 anos, até se efetivar a mudança para o Centro de Alto Rendimento de Atletismo, no Jamor, onde trabalha diariamente. José Sousa Uva tem 47 anos. É o primeiro convidado da **OLIMPO** para uma Conversa de Balneário, um espaço onde pretendemos ficar a conhecer o lado menos divulgado dos nossos protagonistas do desporto

Se não tivesse optado por ser Professor de Educação Física e treinador de Atletismo, o que é poderia ter sido?

Olhe, não faço a mínima ideia! Eu sei o que é que não era de certeza! Qualquer coisa relacionada com as artes. Tudo o que tivesse a ver com desenho, com música, com pintura, eu não era porque sou um analfabeto nessa área! (risos) Não tenho jeito nenhum. A minha mulher teve uma educação com a música muito presente e os meus filhos também têm tido. Eles fartam-se de rir quando eu me meto nas conversas porque se tivesse que viver da música ou de qualquer arte, morria á fome.

Mas sente qualquer coisa quando ouve música, ou não?

Sinto, mas se tentar reproduzir alguma coisa, de música ou de desenho, não tenho o mínimo jeito e a mínima sensibilidade... Para mim as notas são todas iguais, não sei como é que há pessoas que as conseguem distinguir... Sei o que não seria e sei que gosto do que faço. Mas não sei o que é que poderia ser... Estando no Algarve poderia fazer alguma coisa ligada ao Turismo.

Na área do Desporto o Atletismo é a sua paixão, mas tem outras modalidades que gosta muito, algumas se calhar por lazer, como o esqui...

Sim. O meu padrasto, a quem eu trato por pai, porque vivo com ele desde o ano de idade, foi treinador de futebol. Daí também esta influência pelo desporto. Como eu era muito fraco em futebol, procurei uma coisa em que pudesse controlar melhor. Fui para o atletismo e foi crescendo esta paixão. Os treinos bidiários não deixam muito tempo, mas sempre que tenho um bocadinho, e especialmente em família, tento praticar. O esqui tem essa característica. É o único desporto em que toda a família pode fazer em conjunto. Sempre que podemos, geralmente uma vez por ano, lá vamos os quatro, para ter tempo de qualidade em família. O resto, só de vez em quando uma corridinha para aliviar a consciência, porque às vezes sinto que estou a precisar. Ás vezes faço umas caminhadas, quando estou na seleção com o meu amigo João Ganço. Fazemos umas caminhadas muito grandes. É o desporto que fazemos.

Os desportistas têm uma tendência para terem alimentação saudável e mais regrada. Também é assim?

Sou assim especialmente quando preciso de perder peso... (risos). A minha genética ajuda-me porque mal faça algum corte tenho logo tendência para emagrecer, sem precisar de fazer exercício físico. Normalmente tenho algumas regras básicas que não cumpro sempre, mas que cumpro com mais rigor quando preciso de perder peso. As situações normais: evitar os fritos, não beber refrigerantes ou álcool, evitar os doces. Mas às vezes não tenho paciência para essas regras e como o que me apetece, aliás como quase todos nós...

Mas, como bom algarvio que é, não tem uma maior apetência para a cozinha e para gostar de fazer petiscos?

(Risos...) Aprendi com o meu pai desde miúdo a pôr peixe no grelhador. Mas sou um zero na cozinha... A minha mulher diz que se eu colocar água a ferver, ainda faço, mas, se for com sal, pergunto logo onde é que está o sal... se calhar um dia destes tenho que pensar em melhorar essa





José Sousa Uva com a família



parte da minha vida. O meu filho já cozinha muito melhor do que eu! Bom, muito melhor também não é difícil...

Interessa-se por política?

Muito pouco. Nunca tive um interesse especial... Gostava que o nosso país fosse mais organizado. Os políticos esforçam-se no papel, mas depois somos todos muito maus a implementar o que se decide. Uma pessoa quando se depara com uma situação organizada responde muito bem. Os nossos emigrantes são o exemplo disso, mas nós cá ainda somos muito maus.

Parece uma pessoa muito determinada. É um homem de fé?

Sou um homem em aprendizagem de fé. Eu não tive uma educação católica, mas a minha mulher teve e aos poucos, com o passar dos anos, tenho aprendido algumas coisas. E também quando chegamos a uma determinada idade também sentimos falta da parte espiritual. Há pouco tempo, talvez há uns dez anos, procurei essa parte e agora estou numa caminhada para ser um homem de fé. Já tenho alguma, mas espero que ela cresça ainda mais.... Mas sou determinado, independentemente da questão religiosa.

É teimoso ou não? Pouco paciente ou muito?

Sou teimoso e pouco paciente. Mas raramente me chateio com as pessoas.

Então como é que reage?

Às vezes aguento... e depois quando digo qualquer coisa já explodi. A minha mulher diz-me muitas vezes: "mais valia teres dito logo com calma, do que estares aí a aguentar..." Quando acho que tenho razão pareço o "Tollan"... não desencalho daquilo... (risos...) Mas passando ali a fase mais quente, vejo facilmente se a outra pessoa tem razão e dou o braço a torcer. Acho que essa tem sido a chave de um casamento de 20 anos!

O que é que gostava que lhe acontecesse daqui a uns quatro ou cinco anos?

O que eu gostava era ser treinador da campeã olímpica! Isso é um sonho grande!

Não está muito longe disso...

Não estou muito longe, mas o bocadinho que falta ainda é muito!... Eu e a Patrícia temos um objetivo de carreira que não é ser campeã olímpica. É passar a barreira dos 15 metros. Se nós conseguirmos isso temos hipóteses de realizar outras coisas que parecem mais impossíveis. Mas sou uma pessoa que dou muito valor ao que tenho, em vez de só desejar mais. O que eu quero é que daqui a 4 ou 5 anos, tenha a vida que tenho hoje, sem problemas. Trabalho no que quero, no clube que quero, na escola que quero e não tenho problemas! Tenho saúde!

É um homem feliz?

Sou um homem feliz... Já me pôs a chorar... Também sou um bocado lamechas... A minha mulher farta-se de rir comigo... Nesta sociedade acelerada, todos queremos ter o carro "A", a casa "B" ou o emprego "C" e esquecemo-nos de agradecer o que temos!



EM SYDNEY TUDO ERA NOVO



JOÃO COSTA

Já houve uma competição em que me deu para comer um gelado antes da final. Estava muito vento, calor abafado, sabia que não era candidato e, enquanto os outros concorrentes stressavam, eu estava ali, descontraído, a comer. Dois anos mais tarde vieram falar-me disso: "Comeste o gelado e ainda foste ganhar a prova"

As melhores recordações que guardo são dos Jogos de Sydney, em 2000, onde tudo era novo para mim. Na altura, para descontrair, nas sessões de tiro, ia lendo os livros do Harry Potter, o que despertou grande curiosidade entre quem me observava. Agora, como a série está lida, continuo a ler outros temas, mas tanto pode ser uma revista de carros como uma de pesca. O importante é que se consiga aliviar o stresse, o objetivo é sempre esse.

Já houve uma competição em que me deu para comer um gelado antes da final. Estava muito vento, calor abafado, sabia que não era candidato e, enquanto os outros concorrentes stressavam, eu estava ali, descontraído, a comer. Dois anos mais tarde vieram falar-me disso: "Comeste o gelado e ainda foste ganhar a prova."

No Rio de Janeiro, também foi muito positivo, porque a língua é a mesma, conhecia os dirigentes, juízes e atletas, era-me fácil até dar indicações aos outros atletas. Os meus resultados foram dois 11.os lugares, mas, para quem tinha 51 anos, e estava a competir com gente com menos 25/30 anos, não foi nada mau.

A cidade tinha muitos problemas antes dos Jogos Olímpicos e muita coisa foi corrigida, em particular nos acessos. A seguir ficaram com boas estradas. A maioria das instalações desportivas é que ficou sem utilização. Já há piscinas com a água verde e no Maracanã a relva secou. No tiro mantém-se a qualidade, porque continuam a usar tudo com muita frequência e o dono é o exército brasileiro.

Atenas'2004 foi para esquecer. Nem os resultados foram memoráveis.

Em Pequim... organização muito boa, mas os jornalistas deram mais atenção a algumas frases tiradas do contexto.

O espírito olímpico vai variando um bocadinho de uns Jogos para os outros, mas não há queixas.

As experiências que eu não gosto de recordar são com os jornalistas que me contactam e começam por perguntar "qual é a sua modalidade?", "quais são as regras?". Eu já fui a cinco Jogos Olímpicos e ainda me fazem essa pergunta. Não gosto e então peço-lhes para irem ver aos arquivos dos seus próprios jornais. Está lá tudo, é só fazer o trabalho de casa. Apesar de nós representarmos a modalidade e de haver efeitos positivos, de pessoas que começam a praticar, falha muito a informação. O próprio espectador quer a informação oferecida. Hoje em dia é fácil ir á internet e aprender algo sobre todos os desportos.

Saudações desportivas para todos.



É um campeão da escrita, já com muitos prémios literários no currículo, e a sua ligação ao desporto, em particular o atletismo, continua viva. Aos 42 anos, o escritor das Galveias entende a história do antigo recordista mundial como muito inspiradora

JOSÉ LUÍS PEIXOTO

"RECORDO COM EMOÇÃO OS 10.000 METROS DE MAMEDE"

Que relação tem com o desporto? É ativo ou contemplativo?

Gosto de praticar desporto e de assistir a competições desportivas, quando tenho oportunidade. Desde os cinco anos que pratico a corrida. Noutros tempos, durante a adolescência, era federado e competia com alguma seriedade. Hoje, essa é, sobretudo, uma prática que me traz equilíbrio, apesar de ainda participar em provas ocasionalmente.

Há um atleta no escritor?

Há grandes semelhanças entre essas duas atividades. Também há uma gestão do esforço na escrita e, como é claro, existe uma importante gestão do ânimo e da cabeça na prática desportiva.

Tem modalidades de eleição?

Aprecio muito particularmente o atletismo. Embora, como a maioria dos portugueses, acabe por seguir o futebol. Na nossa sociedade, é muito difícil fugir a essa modalidade.

Quais são para si os momentos mais sugestivos da história dos Jogos Olímpicos?

Para além das empolgantes vitórias de Rosa Mota e Carlos Lopes, recordo com emoção os 10.000 metros de Fernando Mamede, depois de ter batido o recorde do Mundo. Todos esperávamos um lugar no pódio e, no entanto, acabou por desistir. Na época, eu era criança e fiquei dececionado. Depois, com os anos, fui entendendo a incrível disputa desse homem consigo próprio e, apesar do resultado negativo, trata-se de uma história que entendo como muito inspiradora.

Consegue construir a partir de um atleta olímpico uma personagem literária?

O meu romance "Cemitério de Pianos" tem como protagonista Francisco Lázaro, o grande maratonista português que faleceu após 30 quilómetros na maratona dos Jogos Olímpicos de 1912.

Revê-se na heroicidade que é conferida aos campeões?

Os atletas representam-nos. Essa empatia é uma das razões pelas quais nos entusiasmamos tanto a ver desporto. Puxamos por aqueles que consideramos "nossos". Sentimos as suas vitórias e as suas derrotas.

Alguma vez se projetou na figura de um desses campeões?

Sim, como qualquer pessoa que tenha celebrado as vitórias desportivas de outros.

Eternizar o vencedor e esquecer os vencidos é sinal de quê?

É sinal de falta de memória e é a perda de uma oportunidade para aprender, para saber mais.

O desporto é um lugar de união?

Deveria ser um momento de união porque, no desporto, encontramo-nos. Praticar desporto com alguma consciência é uma descoberta do corpo, de uma marca fundamental de sermos humanos. No desporto, encontramo-nos com os outros e connosco próprios.

Agenda COP





JULHO
1 a 23 CICLISMO
Volta a França
3 a 16 TÉNIS
Torneio de Wimbledon, Inglaterra
7 a 26 FUTEBOL
Gold Cup, Estados Unidos
15 a 30 NATAÇÃO
Campeonato do Mundo, Budapeste, Hungria
16 julho a 6 agosto FUTEBOL
Campeonato da Europa (feminino), Holanda
19 a 26 ESGRIMA
Campeonato do Mundo, Leipzig, Alemanha
20 a 23 GOLFE
British Open, Royal Birkdale, Inglaterra
20 a 30 JOGOS MUNDIAIS
Wroclaw, Polónia
23 a 29 FESTIVAL OLÍMPICO DA JUVENTUDE EUROPEIA
Györ, Hungria
24 a 30 CICLISMO
Campeonato do Mundo BMX, Rock Hill, Estados Unidos
28 julho a 6 de agosto VOLEIBOL DE PRAIA
Campeonato do Mundo, Viena, Áustria

AGOSTO
4 a 13 ATLETISMO
Campeonato do Mundo, Londres, Inglaterra
7 a 13 TÉNIS
Torneio Masters 1000 de Montreal, Canadá
8 FUTEBOL
Supertaça Europeia, Skopje, Macedónia
10 a 13 GOLFE
Campeonato PGA, Quail Hollow, Estados Unidos
14 a 20 TÉNIS
Torneio Masters 1000 de Cincinatti, Estados Unidos
19 a 30 UNIVERSÍADAS,
China-Taipé
19 agosto a 10 setembro CICLISMO
Volta a Espanha
21 a 27 LUTA
Campeonato do Mundo, Paris, França
21 a 27 BADMINTON
Campeonato do Mundo, Glasgow, Escócia
25 agosto a 3 setembro VOLEIBOL
Campeonato da Europa, Polónia
28 agosto a 3 setembro JUDO
Campeonato do Mundo, Budapeste, Hungria
28 agosto a 4 setembro PENTATLO MODERNO
Campeonato do Mundo, Cairo, Egito
28 agosto a 10 setembro TÉNIS
US Open, Estados Unidos
31 agosto FUTEBOL
Portugal-Ilhas Faroé, qualificação Mundial 2018
31 agosto a 17 setembro BASQUETEBOL
Campeonato da Europa (masculino)



SETEMBRO
3 FUTEBOL
Hungria-Portugal, qualificação Mundial 2018
17 a 24 CICLISMO
Mundiais de estrada, Bergen, Noruega
17 GINÁSTICA
Campeonato do Mundo, Canadá
20 setembro a 1 outubro VOLEIBOL
Campeonato da Europa (feminino), Azerbaijão e Geórgia
21 a 24 GOLFE
Portugal Masters, Vilamoura, Portugal
24 ATLETISMO
Maratona de Berlim, Alemanha
24 setembro a 1 outubro REMO
Campeonato do Mundo, Sarasota, Estados Unidos

Utiliza as **vantagens do Cartão COP** e **apoia os atletas** da tua Federação/Modalidade.

PEDE JÁ O TEU CARTÃO ATRAVÉS DA TUA FEDERAÇÃO.



repsol.pt
comiteolimpicoportugal.pt

REPSOL | COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL

THOUSANDS COMPETE









MILLIONS PLAY

BILLIONS ARE INSPIRED







THANKS TO OUR OLYMPIC PARTNERS

THE WORLDWIDE OLYMPIC PARTNERS

Coca-Cola
Alibaba Group
Atos
BRIDGESTONE
DOW
GE
OMEGA
Panasonic
P&G
SAMSUNG
TOYOTA
VISA